

## **Maurício Cesar Menon**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Campo Mourão

### ***A Utopia revisitada no Reino de Kiato***

#### **1. A Utopia: fundadora de novos mundos**

Ao longo da história não constituem raridade as criações utópicas emergentes do pensamento humano, sejam elas de caráter religioso, político ou social. Desde o Éden e do Paraíso bíblicos, passando pela Cocanha, pelo Eldorado, por Atlântida entre tantos, é possível perceber que o homem sempre teve necessidade de vivenciar outras realidades, mesmo que pela imaginação, a fim de evadir-se do mundo real ou na esperança de experimentar dias melhores. Esse fato não é mérito apenas de um passado remoto, parte considerável da sociedade atual, amparada pelo alto desenvolvimento tecnológico, põe-se, dia-a-dia, a vislumbrar um porvir onde a ciência possa trazer mais respostas, mais curas, uma vida mais longa e maior conforto ao homem, numa perspectiva, diga-se de passagem, nem sempre igualitária.

Genericamente, convencionou-se chamar de utopia a essas crenças arcaicas ou modernas, o que levou o termo a um lugar comum no discurso. A enunciação da palavra utopia logo faz emergir a idéia de algo ilusório, distante da realidade, intangível. Tal percepção em torno da semântica do termo, embora eivada de algum significado próximo, não o explica completamente, levando-se em conta sua raiz etimológica. A palavra utopia é de origem grega compreendendo a seguinte acepção: (*u*) = sem, (*topos*) = lugar. Nesse sentido é que o termo foi utilizado por Thomas More (1478 – 1535) para designar a ilha descrita em seu livro *Utopia* (1516) – o que, de fato, remete à compreensão de espaço, de

geografia presente na palavra. Utopia torna-se, antes de tudo, um **lugar** onde muito daquilo que se espera ou se deseja é capaz de fazer-se real.

Dessa forma, mesmo sem, provavelmente, possuir tal intento, More solidifica uma espécie de tradição cuja temática, anteriormente observada em Platão (427-347 a.C.) e em certas religiões antigas, se projeta em torno da construção de novos mundos, lugares ou cidades cuja constituição física, político-social e espiritual de seus habitantes se revela de maneira harmoniosa, beirando a perfeição, plena de justiça, de fartura e de solidariedade. Thomas More, portanto, não cria nada novo nesse sentido, todavia “organiza” a idéia e a explora de maneira magistral em seu texto, numa época em que o mundo contemplava o alvorecer da modernidade e convivia muito de perto com as grandes navegações e a exploração de outras terras. Nesse sentido, Célia Maia Borges afirma<sup>1</sup>: “Ainda que não inaugurasse um novo ideal de sociedade perfeita, o livro do humanista londrino tornou-se, como assinalamos, um paradigma de representação de uma vida social imaginária oposta à sociedade real com seus problemas e mazelas”

Vários outros textos, como *A Cidade do Sol* (1623) de Tommaso Campanella, seguem uma linha muito próxima ao texto de More ou dele se apropriam, como é o caso de Rabelais que insere em seu *Pantagruel* (1532) personagens oriundos da ilha da Utopia. De alguma forma, o texto de More se estabeleceu e criou uma espécie de tradição na escrita de outros pensadores, em campos diversificados do saber, como a filosofia ou a literatura; vale assinalar que em pleno século XVI o livro de More foi agraciado com várias edições que se seguiram nos séculos posteriores, chegando até o presente. A permanência desse texto mostra-nos o caráter sólido das discussões por ele engendradas e o coloca numa posição, ao lado de outros grandes textos, de uma obra clássica, da mesma linhagem daquelas descritas por Ítalo Calvino em seu conhecido ensaio<sup>2</sup>.

A *Utopia* funda, inclusive, outro segmento, o das distopias literárias ou antiutopias que, contrapondo-se à concepção do lugar

---

<sup>1</sup> Célia Maia Borges, “Utopias e Profecias na Europa Moderna”, in *Histórias de países Imaginários – variedades dos lugares utópicos*. Org. Marco Antônio Lopes; Renato Moscatelli (Londrina: EDUEL, 2011), pp. 49-50.

<sup>2</sup> Ítalo Calvino, *Por que ler os clássicos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007).

perfeito e harmonioso, criam mundos onde reina o totalitarismo político, a desesperança, a desumanização e a alienação da sociedade. Nesse sentido, surgem, no século XX algumas das obras mais ácidas e importantes da literatura universal moderna, haja vista a publicação de *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley, e *1984* (1949) de George Orwell.

Em vista disso, torna-se evidente o caráter basilar do texto de More, norteador tanto da temática como também, em alguns casos, da estrutura de outros textos análogos a ele. A evasão no tempo e no espaço para “novos mundos” utópicos ou distópicos torna-se uma constante na literatura em geral. O que se apresenta como um ponto comum nesse tipo de escrita, independente do grau de execução estética da mesma, é sempre a tentativa de esboçar criticamente a sociedade, por contraponto ou por exacerbação de situações observadas na realidade.

## **2. Uma utopia brasileira**

Não se pode negar que o Brasil presenciou em sua história algumas espécies de utopias, geralmente ligadas a movimentos messiânicos ou sebastianistas, cujo desenrolar terminou de maneira trágica, como bem dão testemunho os episódios do massacre da pedra do reino (1838), dos muckers (1873 – 1874), de Canudos (1896 – 1897), todos abordados respectivamente em livros como *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (1971), de Ariano Suassuna, *Videiras de Cristal* (1990), de Luiz Antônio de Assis Brasil e *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Deve-se observar, todavia, que, embora essas obras registrem histórias que tenham em sua gênese um traço de utopia, elas não se configuram como literatura utópica, encaixando-se melhor em gêneros como Romance Histórico ou, como é o caso de *Os Sertões*, difícil de se enquadrar neste ou naquele gênero, uma vez que transita por diversos campos do saber.

Literatura de cunho utópico é raro de se observar na literatura brasileira; no século XIX um bom exemplo que se pode mencionar é o romance *A Rainha do Ignoto* (1899) de Emília Freitas, onde se vislumbra uma sociedade, na Ilha do Nevoeiro, composta por mulheres que, outrora, haviam sofrido toda sorte de abusos por parte do poder

patriarcal. Nesse romance cria-se uma sociedade de mulheres paladinas do bem e da justiça social, empenhadas em ajudar outras que se encontram também em situação difícil ou de desespero. Freitas mantém, literalmente, a ilha como o espaço possível de onde pode emergir a utopia, tal como Thomas More havia consagrado.

No início do século XX, podem-se destacar as obras *O Reino de Kiato* (1922), de Rodolfo Teófilo, objeto desta análise e também *A república 3000* (1930), de Menotti Del Picchia. Nesta utopia tecnológica, prevalece o conceito de que o desenvolvimento da tecnologia e da ciência pode não só transformar a sociedade como também o próprio homem que passa a ser uma espécie de criatura híbrida, desprovida dos sentimentos considerados humanos. Embora o texto de Picchia mantenha alguns pontos de contato com outros textos utópicos, seu enredo permite entrever que a tal sociedade tecnológica não seria assim algo tão desejável, haja vista o desejo de fuga e de liberdade que se apossam dos personagens protagonistas. O texto de Rodolfo Teófilo, por sua vez, apresenta uma perspectiva bastante diferente, muito mais próxima do modelo deixado pelo pensador inglês, guardadas as devidas proporções entre uma obra e outra.

Rodolfo Teófilo é um daqueles escritores a quem o cânone oficial não deu grande destaque; filiado ao regionalismo naturalista, Teófilo demonstrou em boa parte de suas obras uma preocupação com os assuntos de seu tempo e de sua terra – a seca, a peste, as ciências naturais, a violência no sertão são alguns dos temas abordados em suas obras, sejam elas de caráter ficcional ou documental. Romances como *A Fome* (1890), *Violação* (1899) e Estudos como *A Seca de 1915* e *A Seca de 1919* retratam, de forma às vezes exagerada, as agruras do homem simples frente ao meio ou ao momento em que vive.

Pode-se estranhar, portanto, num primeiro momento, o escritor ter realizado uma obra de caráter utópico como *O Reino de Kiato*, pois parece destoar da maioria de sua produção ficcional que entrelaça discussões explícitas de cunho social e político a enredos que, por vezes, beiram a raia do fantástico. Esse estranhamento, contudo, cede lugar à compreensão ao se ler o texto como um dos legados, entre tantos, deixados pelo livro *Utopia* de Thomas More.

Carvalho<sup>3</sup>, baseada na obra *Utopías Del Mundo Antiquo* (2000), de J. Lens Tuero e J. Campos Daroca, propõe uma definição das obras utópicas, bem como uma divisão delas:

Em busca de uma definição ampla que seria a base para classificar uma obra como utópica, encontramos aquela em que se pode ler a descrição de formas de vida comunitária consideradas como perfeitas ou, pelo menos, altamente desejadas. Dentre essas, podemos classificar dois tipos: as escapistas, ou descritivas, geralmente ligadas à representação paradisíaca, como o mito da Idade do Ouro ou a evocação de um período de abundância; o segundo tipo congregaria as utopias “construtivas” ou “políticas”, verdadeiros modelos ou até programas de ação de sociedades hierárquicas igualitárias.

*O reino de Kiato* encaixa-se melhor na última designação, uma vez que o que está por detrás do livro é uma grande preocupação com as parcas políticas de saneamento urbano, de saúde coletiva e individual que o Brasil adotava à época. Tal preocupação pode ser tributada, primeiramente, à formação de farmacêutico de que dispunha o autor, mas, num segundo plano, ao seu engajamento com as questões político-sociais da época. A título de exemplo, vale recordar a celeuma entre o escritor e o governo de Antônio Pinto Nogueira Accioly (1840 – 1921), por conta de uma campanha de vacinação contra a varíola promovida por aquele entre os anos de 1898 e 1900 sem o consentimento deste, o que levou Teófilo, anos mais tarde, a escrever o compêndio intitulado “Varíola e Vacinação no Ceará”.

A novela *Violação*, escrita no final do século XIX, leva o leitor a perceber os horrores causados por uma epidemia de cólera-morbo conjugada com o descaso dos governantes frente ao problema. Se nessa novela o autor expõe a crueza das cenas e das ações, no romance de 1922, aqui analisado, ele irá seguir a fórmula de, por meio do discurso, estabelecer um contraponto entre a ficção e a realidade, idealizando-se fatos, modo de viver e de pensar, leis, desenvolvimento político,

---

<sup>3</sup> Márcia Siqueira de Carvalho, “A Geografia nas Utopias Renascentistas”, in *Histórias de países Imaginários – variedades dos lugares utópicos*. Org. Marco Antônio Lopes; Renato Moscateli (Londrina: EDUEL, 2011), p.37.

social e econômico, o que consiste na base de construção da maioria das utopias.

Esse jogo contrapontístico foi, antes de tudo, primorosamente executado por More: ao evidenciar, por meio da fala de Rafal Hitlodeu, os méritos e benesses da vida dos habitantes da Utopia ele expõe, num *intermezzo* entre o dito e o não-dito, as mazelas da Inglaterra de seu tempo. Os personagens encontram-se na Inglaterra, a ilha da Utopia é evocada por meio do discurso memorialístico de Hitlodeu, que vivera algum tempo entre os utopianos, portanto esse contraponto torna-se bastante evidente ao se alinhar dois lugares tão distintos entre si, um real e outro inventado, como duas faces de uma mesma moeda.

Teófilo segue em parte essa ideia, pois o protagonista da obra é um norte-americano, King Paterson, que chega a Kiato após o navio em que estava ser tragado por uma tempestade, perdendo assim o rumo. O contraponto, portanto, nessa obra, é mais sugestivo que explícito, uma vez que não se faz referência ao Brasil, somente aos EUA e à Inglaterra, mesmo assim de maneira bastante econômica. O Brasil, aqui, funciona como referente, ou seja, a pátria do escritor, o lugar a partir do qual escreve e projeta sua utopia.

Kiato tem, à semelhança da utopia de Thomas More, um novo modelo de ordem social e política, contudo apresenta uma diferença: enquanto na *Utopia* o viés de abordagem é focado realmente nas relações sociais, de trabalho, de distribuição mais igualitária e de políticas mais justas, em Kiato isso se dá sob um viés higienista, com forte apelo aos ideais eugenistas tão em voga nessa época no Brasil.

Isso se encontra declarado já no trecho de abertura do livro:

A fraternidade humana reinará na terra quando o homem cumprir os seus deveres e respeitar os direitos de seus semelhantes. Para que o homem cumpra os seus deveres e respeite os direitos dos outros homens é preciso que o seu corpo seja sã. Para que o homem recupere a saúde perdida nos transcorrer dos séculos é preciso acabar com os três factores da degeneração do gênero humano – o álcool, a syphilis e o tabaco<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Rodolfo Teófilo, *O Reino de Kiato* (São Paulo: Monteiro Lobato & Co. Editores, 1922), p. 7.

Como se nota, nessa abertura reside a base argumentativa que permeará a história: a tão sonhada e buscada fraternidade humana só será possível se cumprido o estatuto **mente sã em corpo são**. A condicional de que primeiramente há de se curar o corpo para depois a mente, leva à conclusão de que esse deveria ser o foco de atenção do poder público se pretendesse criar uma sociedade mais justa e igualitária. Nessa época, políticas públicas inerentes à saúde da população ainda engatinhavam no Brasil e só tomariam maior corpo a partir da década de 30.

No enredo do livro, a erradicação dos três males descritos leva o povo de Kiato não só a ajustar relações de igualdade no campo da política e do bem viver, como também altera a sua própria constituição física: “Os recém-vindos causaram estupefacção ao pessoal do vapor, que pasmou diante da figura daquelles homens altos, tão altos que mediam mais de dois metros, e que, atravez de uma vigorosa carnação, denunciada na fresca e rosada cor da pelle, exhibiam a mais perfeita saúde.<sup>5</sup>”

Em prol da manutenção dessa saúde e, conseqüentemente, da ordem social, em Kiato instituições como a imprensa e a escola se alinham, com objetivo de educar a população, a fim de ensinar ao povo regras de higiene, do viver saudável, da boa alimentação entre outros; quase sempre, atribuem-se todos os males da degeneração humana ao álcool e ao efeito maléfico dele sobre o homem. O tom didático ou quase panfletário da obra apela diretamente ao leitor, como bem atesta Causo<sup>6</sup>: “(...) a obra de Theophilo tem o mesmo caráter didático, quase ao ponto de cartilha, e o objetivo de admoestar o leitor contra a alimentação exagerada, o uso do espartilho, os cosméticos e tinturas de cabelo, as casas pouco arejadas, as atitudes pouco cívicas, o coquetismo (...)”.

Percebe-se que o texto aponta, como o fazem as demais obras utópicas, para um presente sonhado e desejado, todavia irrealizável do ponto de vista prático para a época a que pertencem: “A percepção, pois,

---

<sup>5</sup> *Idem*, p. 22.

<sup>6</sup> Roberto de Sousa Causo, *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil – 1875 a 1950* (Belo Horizonte: editora UFMG, 2003), p. 153.

da oposição relativa entre a vivência concreta do quotidiano de hoje – a experiência imanente da história – e da projeção ideal da situação ideal do quotidiano resolvido de amanhã – o horizonte de expectativa transcendente da história –, mantém a reflexão sobre a utopia viva e atual”<sup>7</sup>.

Tanto na *Utopia* de Thomas More quanto no *Reino de Kiato* de Teófilo, a ordem social proposta, resguardados os focos que cada escritor adota, é mantida pela rígida disciplina e também por leis, inclusive a lei capital:

It is a fundamental rule of their government, that no conclusion can be made in anything that relates to the public till it has been first debated three several days in their council. It is death for any to meet and consult concerning the State, unless it be either in their ordinary council, or in the assembly of the whole body of the people<sup>8</sup>

Na Utopia, aplica-se a lei capital a fim de se evitar que o príncipe e os traníboros conspiram para mudar a forma de governo ou para impor a tirania sobre o povo da ilha. Em Kiato, por sua vez, adota-se a morte para todos aqueles que infringirem as severas leis sanitárias do país. Antes de os passageiros desembarcarem em Kiato, o comandante do navio recebeu de inspetores locais um manifesto para que fosse lido aos ocupantes da embarcação: “A todos que aportarem ao reino de Kiato faço saber que: – sendo proibida a fabricação do álcool e de líquidos que o contenham, como o maior factor que é da degeneração physica, e perversão moral do gênero humano, é condemnado á morte todo aquelle que infringir essa lei humana e sabia”<sup>9</sup>.

Paradoxalmente, porém, mais adiante o personagem Paterson, em um de seus passeios pelo reino, depara-se com uma força, que lá

---

<sup>7</sup> Estevão de Rezende Martins, “A Geografia nas Utopias Renascentistas”, in *Histórias de países Imaginários – variedades dos lugares utópicos*. Org. Marco Antônio Lopes; Renato Moscateli (Londrina: EDUEL, 2011), p.16.

<sup>8</sup> Thomas More, *Utopia* (<http://www.planetpdf.com>), p. 72.

<sup>9</sup> Rodolfo Teófilo, *O Reino de Kiato* (São Paulo: Monteiro Lobato & Co. Editores, 1922), p. 23.



estava para lembrar a barbárie humana outrora utilizada contra os que transgredissem; nela havia uma placa com o seguinte dizer:

‘Conservada para relembrar a maldade humana, seu falso critério e sua falta de senso. A morte nunca corrigiu, nunca exemplificou. Nos paizes onde existe a pena de morte, o crime não desapareceu. Este local ficou sendo um campo santo, abandonado pelos vivos, desde que o kiatense compreendeu, purificando-se, que o homem não tem o direito de matar. Ele vai, visitante, o vosso pensamento ao além, onde pairam os espíritos dos que aqui foram assassinados em nome da justiça.’<sup>10</sup>

Tal deslize da parte do autor revela, em parte, a fragilidade do texto que, concentrado em seu tom didático e moralizante, transparece idéias próximas ao senso comum, ou à de governos totalitários, muito mais para o mundo real que para um mundo utópico.

Se no aspecto da consistência textual a obra de Teófilo se afasta da de More, em outros ela se aproxima, como é o caso da menção que se faz à Inglaterra, a fim de se criar o contraponto com a utopia sugerida. Não há o que se justificar ou explicar sobre esse assunto no texto do autor inglês, mais que lúcido quanto ao país e aos problemas de seu tempo.

No texto do brasileiro, porém, o contraponto se estabelece de maneira não tão evidente como também não ligado a um único país; por vezes faz-se menção às Américas: “Nos paizes que tinha visitado, a America do Sul, por exemplo, os festejos... (1922, p. 130), por vezes à Inglaterra: “A Inglaterra é o paiz do ouro, mas lá se morre de fome. Kiato é o paiz da fraternidade humana. (...) Na Inglaterra, é preciso um exercito pra velar pela paz do Reino; em Kiato, é a consciência do cidadão que vela pela tranqüilidade publica.”<sup>11</sup>

Na falta de uma referência mais explícita ao Brasil, como aquela que se vislumbra no texto de More sobre a Inglaterra, é possível pressuporem-se dois pensamentos: o primeiro seria o de que Rodolfo Teófilo trabalha com algumas problemáticas universais, como as

---

<sup>10</sup> *Idem*, p. 122.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 111.

contradições gritantes entre classes sociais, a arbitrariedade na aplicação da lei e no fazer da justiça, o bem comum desrespeitado por muitos etc.; portanto mencionando ou não um país, definindo ou não o *locus* o efeito contrapontístico se garante, por serem os problemas genéricos a qualquer nação, em maior ou menor grau. O segundo seria o já mencionado aqui papel do referente na construção do discurso: vive-se num Brasil, à época da edição do livro, que apresenta boa parte dos problemas já sanados no reino de Kiato, portanto torna-se este um contraste visível daquele.

Outro ponto de contato entre os dois autores e as respectivas obras é o estabelecimento de uma nova ordem social, na qual campo e cidade se encontram conjugados em harmonia, o que constitui um dos maiores desafios dos governos ao longo dos séculos:

and though they know exactly how much corn will serve every town and all that tract of country which belongs to it, yet they sow much more and breed more cattle than are necessary for their consumption, and they give that overplus of which they make no use to their neighbours. When they want anything in the country which it does not produce, they fetch that from the town, without carrying anything in exchange for it.<sup>12</sup>

Na ilha da utopia planta-se o necessário para o consumo e as necessidades são supridas por meio da troca, extinguindo-se, assim, as diferenças promovidas pela questão da compra e da venda, da oferta e da procura; a cidade, portanto, não passa a ser considerada com algo mais desenvolvido ou superior ao campo, trata-se de uma extensão deste e o trabalho dos utopianos articula-se num trânsito entre um e outro espaço. Em Kiato prescreve-se a mesma harmonia, inclusive com finalidade bastante próxima daquela descrita no texto do autor inglês:

Agora, em vez de exercitar-se nas armas, exercitava-se nos instrumentos agrícolas. Todo o cidadão era obrigado a cursar a escola de agronomia durante três anos. A terra é que trazia a fraternidade humana depois do expurgo das

---

<sup>12</sup> Thomas More, *Utopia* (<http://www.planetpdf.com>), p. 66.

taras, das diatheses que infectam a humanidade. O mais difícil problema social, a harmonia entre o proletário e o capitalista, havia resolvido a enxada.<sup>13</sup>

Em ambos os textos percebe-se que a tão sonhada ordem social encontra um de seus fundamentos nesse equilíbrio entre a vida agrícola, símbolo da subsistência humana, e a vida na cidade, símbolo do desenvolvimento. É de se notar que as soluções para problemas viscerais da humanidade são abordados nas utopias de forma bastante simples, embora em ambos os casos apresentem-se mecanismos reguladores, geralmente rígidos códigos de conduta social e moral, que não permitam macular o modelo de sociedade ideal alcançada.

Se é possível perceber pontos de contato na abordagem temática entre o livro de More e o de Teófilo, no campo estrutural de composição da obra o Kiato de Rodolfo Teófilo também volta, de alguma forma, seu olhar para a Utopia de Thomas More. A título de exemplificação, apresenta-se o quadro abaixo onde são colocadas lado a lado as divisões dadas pelos subtítulos dos capítulos que descrevem os dois países:

<b>Utopia (Thomas More)</b>	<b>O Reino de Kiato (Rodolfo Teófilo)</b>
Of their towns, particularly of Amaurot	A Capital do reino
Of their magisters	A Imprensa
Of their trades, and manner of life	Edifícios e estátuas
Of their traffic	A Instrução pública
Of the travelling of the utopians	Agronomia
Of their slaves, and of their marriages	O imposto e a morte
Of their military discipline	A casa real
Of the religions of the utopians	Reorganização do reino
	A literatura
	O interior do reino
	O parque da morte
	O centenário

<sup>13</sup> Rodolfo Teófilo, *O Reino de Kiato* (São Paulo: Monteiro Lobato & Co. Editores, 1922), p. 64.

Aparentemente, ao se observar o quadro, há de se dizer que apenas o primeiro título se alinha ao outro, ao se observar, entretanto, numa perspectiva temática entrelaçada à estrutura, os títulos dados por Teófilo, mais específicos, representam, em parte, assuntos que também estão contidos no texto de More como a organização do trabalho, as medidas sanitárias e profiláticas, a religião, a morte etc.

Dessa forma, pode-se dizer que Rodolfo Teófilo revitaliza, em pleno século XX no Brasil, dentro dessa sua obra, uma parte considerável das discussões alavancadas pelo filósofo inglês do século XV, o que demonstra o legado deixado pela *Utopia*.

Sendo assim, *O Reino de Kiato* transcende um pouco a mera obra de fantasia; como exercício ficcional encaixa-se naquilo que pode ser considerado uma utopia e, talvez, dentre as demais produzidas no Brasil a essa época, ganhe papel de destaque – muito embora não tenha alcançado grande projeção literária.

Teófilo, a partir de um anseio local, traduz nessa sua utopia, a bem da verdade, o desejo de ver sua nação transformada para melhor, com pessoas mais próximas de obter a dignidade que merecem; para tanto conserva, em partes, o modelo consagrado de Thomas More em seu texto. Visto sob essa ótica, apesar de algumas fragilidades que se apresentam, *O reino de Kiato* pode figurar entre as raras utopias brasileiras produzidas ao longo de sua história literária, produzido numa época em que se depositava grande confiança no desenvolvimento tecnológico e na medicina como elementos promotores do bem estar social, o que, de alguma forma, não deixa de ecoar ainda nos dias de hoje.

Oscar Wilde, certa vez, disse que “Um mapa do mundo em que não aparece o país Utopia não merece ser guardado”, o que significa que utopias são necessárias de figurarem no imaginário dos povos, como já o fazem há muito tempo, uma vez que são capazes de expressar, por meio de um discurso contrapontístico à realidade, o desejo pela mudança que sempre moveu o homem em direção ao seu futuro.

\* “Agradecimentos à Fundação Araucária, Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI-PR) e ao Governo do Estado do Paraná, pelo apoio financeiro recebido para viabilizar esta participação”.